



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Morreu depois de revidar: signos de morte na prática de extermínio de mulheres lésbicas

Autoria: Isadora Façanha Gurgel Freire (UFC - Universidade Federal do Ceará)

O presente ensaio pretende, por meio de um estudo bibliograficamente comentado, evidenciar relações entre teoria antropológica e o projeto de pesquisa de mestrado da autora, intitulado 'Lesbocídio: uma abordagem antropológica sobre motivações e práticas de extermínio de mulheres lésbicas'. Em linhas gerais, é uma pesquisa que se preocupa em estabelecer critérios de motivação do ato de matar mulheres lésbicas per se, com base em relatos escritos por testemunhas da cena do crime e publicados no jornal online 'Justificando? mentes inquietas pensam direito?', do qual tiro as enunciações sobre a execução de Luana Barbosa dos Reis Santos como um caso privilegiado de estudo. Considero este caso como importante por ter se tornado, a partir de 2016, uma bandeira dos movimentos LGBTQI+, negro, feminista e pelos Direitos Humanos. Num quadro geral, no Brasil, ao contrário da maior parte dos feminicídios, o crime contra a vida de mulheres lésbicas (lesbocídio) é concretizado majoritariamente por um sujeito desconhecido da vítima, e não como de praxe pelo ex-parceiro amoroso ou atual parceiro da mesma. Isto nos dá pistas, como aponta o 'Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil de 2014 até 2017' (UFRJ), sobre a importância de averiguar a pluralidade das motivações do ato de matar, que extrapolam a extraconjugalidade e articulam em si a diversidade interseccional da opressão. Luana Barbosa dos Reis Santos (39) saiu do bairro onde morava a pé, na companhia de seu filho, de 14 anos, a fim de deixá-lo na escola. A caminho do destino, foi abordada por policiais militares que a confundiram com um homem suspeito e a impediram de prosseguir. Luana reivindicou o seu direito a uma revista com uma policial mulher. Não aceitando a negativa dos homens, revidou com um empurrão em um deles. Como retaliação, a vítima é espancada com golpes de cassetete pelos policiais e morre cinco dias depois do ocorrido. Como investigadora das descrições de crimes



de lesbocídio, proponho-me a pensar na morte como um signo neste sentido: em como a morte ocupa lugar semântico para o observador num determinado contexto diferente, no entanto, do contexto de quem mata. Para quem observa o ato, a morte torna-se um ato escandaloso de covardia e suplício. Para quem mata, o evento assume outra valoração moral a qual, no caso, é meu objetivo central a compreensão. Contudo, analisar este ?lugar? de um instrumento (ou fenômeno, no caso, da morte) como marcado pela diferença do olhar de quem observa e de quem executa é uma chave motriz para conceber todo esse sistema de opressão e de observação como um conjunto de decisões significativas, compatíveis ou incompatíveis com outras decisões e que cada sociedade ? ou período em que cada unidade ? foi levada a admitir e a relatar.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: